

## Resenha

# A metáfora do apocalipse: uma leitura de Michel Maffesoli



### The metaphor of the apocalypse: A reading of Michel Maffesoli

MAFFESOLI, M. 2010. *Apocalipse: opinião pública e opinião publicada*. Porto Alegre, Sulina, 78 p.

Eduardo Portanova Barros<sup>1</sup>  
eduardoportanova@hotmail.com

Tudo o que não cabe no conceito é negado, já dizia Nietzsche. Daí sua desconfiança, neste Nietzsche pós-moderno que é o sociólogo francês Michel Maffesoli, em relação aos objetivismos e conceitualismos (que ele despreza, por causa de seus contornos rígidos). Esta poderia ser uma primeira característica de seu *Apocalipse: opinião pública e opinião publicada* (2010). Isto é, escrever, mesmo inspirado em fatos do cotidiano, sempre pontuais, por aproximações e lacunas, dando ao leitor um espaço de reflexão. Polêmico, como é de praxe, Maffesoli fez um livro curto (78 páginas), mas nem por isso menos atraente, elegante e, em certos momentos, viperino. Atraente porque, vindo de um sociólogo, é um livro que não se preocupa, *a priori*, com certezas ou sínteses dialéticas. Elegante por causa de sua natural erudição (Maffesoli conhece profundamente a obra de Max Weber, Georg Simmel, Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche, para ficarmos só com alguns nomes). E viperino porque ataca, daí a polêmica, os que falam do "dever-ser" e não "daquilo que é". Maffesoli procura, além disso, qualquer que seja o momento histórico, inserir nele uma perspectiva do imaginário.

Há diferenças entre um e outro (referimo-nos a Nietzsche e Maffesoli). Principalmente a formação, pois Nietzsche é oriundo da filosofia. Não existe nem em Nietzsche e nem em Maffesoli, porém, a preocupação em conceituar. Em Nietzsche, a referência parece ser ele mesmo. A erudição em Maffesoli, por sua vez, e foi esse o ponto ressaltado acima, descortina-se durante o raciocínio e o ato da escrita. É uma espécie de "work in process". Do latim originam-se, fazendo um recorte semântico, as principais teses deste sociólogo: tribalismo, vitalismo e nomadismo. Trata-se, sem entrar na noção específica do termo, de uma sociodinâmica, aqui entendida apenas como um dinamismo *societal*, por meio da metáfora, neste caso, do apocalipse.

Maffesoli explica que o sentido que ele dá ao termo apocalipse, o título do livro, é o de "evocar a revelação das coisas" (2010), como um recomeço, uma mutação para uma forma de pensar enraizada na cultura, o que ele considera o "estar-ai". E este "estar-ai" significa o vitalismo sobre o qual Maffesoli se debruça para sustentar suas ideias, todas elas explícitas nos títulos de seus livros e que

<sup>1</sup> Graduado em Jornalismo, com mestrado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado no PPG em Ciências Sociais da Unisinos (PNPD/CAPES). Pesquisa noções de autoria, imaginário e estética na pós-modernidade. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil.

procuram um antagonismo complementar. É o caso de “instante eterno”, “fundo das aparências” e “razão sensível”. Maffesoli está aí semelhante ao deus do vinho, que é Dionísio, e ao qual faz referência na sua obra, porque ambos – parafraseando Nietzsche – jogam com a embriaguez. Dionísio também é o deus da tragédia. Tragédia que nos remete àquele sentimento nebuloso, sem apontar para uma resolução aparente. Conforme Nietzsche (2005), a *presença* (ele, Nietzsche, prefere o termo “entrada”) dos elementos dionisíacos na criação apolínea da Vontade, permitiu o nascimento da tragédia (p. 24).

Neste livro, Maffesoli não levanta uma tese, a exemplo do que faz em *O tempo das tribos* (2000), que, talvez, seja a sua maior contribuição intelectual (a ideia do tribalismo contemporâneo). Poucas linhas justificam o título: “[...] confundimos opinião pública com opinião publicada. A publicada é realmente uma opinião, mas pretende ser um saber, expertise ou até mesmo ciência, enquanto que a pública tem consciência da sua fragilidade, da sua versatilidade, logo da sua humanidade” (Maffesoli, 2010, p. 10). A partir daí, o pensamento dele continua espiralado e ensaístico, como faz em seus livros anteriores. Maffesoli parte de um argumento autoral (entendido aqui como orgânico) que justifique suas impressões. Esta é uma maneira de escrever sem a pretensão de ser a palmatória do mundo por meio do conceitualismo ou de uma dialética (para muitos empobrecedora) que termina, necessariamente, na síntese – e não na coincidência dos elementos contrários.

Aquele “empirismo vivenciado” (o vitalismo) é o que define a tese da pós-modernidade em Maffesoli. Para ele, como costuma escrever em vários de seus livros, é o cotidiano, e não a ciência apartada dele, que dá sentido à existência tanto individual quanto social. Termo bastante polêmico, até por causa do prefixo, o “pós-moderno” não tem a unanimidade dos intelectuais. Porém, nenhum deles fica indiferente a esse novo modo de se referir à sociedade. Em muitos países, passando também pelos latinoamericanos, como mostra o elucidativo trabalho do professor uruguaio Carlos A. Gadea (2007), a pós-modernidade está aí. Uns preferem falar em modernidade tardia ou hipermodernidade. Mas a nomenclatura talvez interesse menos do que as tendências, que sinalizam para outra – que não positivo-mecanicista – relação pessoal com o espaço e a temporalidade (imaginário). E o mérito de Maffesoli é o de perceber e nos comunicar a presença deste apocalipse. A Sociologia do Imaginário, na qual Maffesoli também se enquadra, não é um campo específico definido por um objeto, mas antes um ponto de vista sobre o social: “Ela se interessa pela dimensão imaginária de todas as atividades humanas” (Legros *et al.*, 2007, p. 9).

Ideia também preconizada por Heidegger (2006), Maffesoli retorna ao passado para ver bem longe o futuro. Trata-se de um pensamento prospectivo do tempo presente para, numa rápida olhada (*coup d'oeil*), compreender a vida que pulsa no cotidiano. E, assim, observar antes as tendências do que prevê-lo. O mundo é uma orgia, o que, etimologicamente, ensina Maffesoli, significa compartilhar emoções. Segundo ele, o corpo social é impregnado por um sexo difuso, não só produtivo como o da mentalidade progressista. Durante a modernidade, pinçando as

expressões caras ao sociólogo francês, prevaleciam os termos assepsia, emancipação (do mal e da desordem), unidade, indivíduo, dominação, poder, progresso, moralismo, verdade, risco zero, racionalismo, ascetismo, utilidade, indivisibilidade, autonomia e lógica. Na pós-modernidade, vive-se a ambivalência, a ambiguidade, a imperfeição, o tremor, a sedução, o duplo, a sombra, o holismo, a pessoa, o onírico, a complexidade. O ser humano se desestrutura aos poucos, tragicamente. É como se vivesse – o que nos remete à ação – de modo contemplativo. E é disso mesmo que se trata: um oxímoro (“ação contemplativa”, por exemplo), que reúne termos antagônicos e complementares ao mesmo tempo, no melhor estilo maffesoliano.

Maffesoli, além disso, evoca o imaginário, termo que, só aos poucos, vem ganhando respeitabilidade acadêmica no sentido oriundo dos estudos do antropólogo Gilbert Durand (neste 2011, está completando 90 anos de idade), que o orientou na tese de doutoramento na Sorbonne, e que significa a relação entre a materialidade e as nossas pulsões subjetivas. Imaginário, conforme Durand, não é fantasia ou alienação. “O imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana” (Durand, 1998, p. 41). Os estudos do imaginário passam a adquirir importância, neste século, porque a sociedade contemporânea já não se reconhece na lógica cartesiana dos três séculos anteriores, lógica essa regida pelo ideal de um futuro seguro por meio de uma luta de classes de caráter ideológico. Caiu-se em um abismo. Mas (e aí entra um dos aspectos interessantes de uma leitura sociológica de cunho compreensivo) uma das maneiras de conviver com essa “perda” é se distanciando, sempre e cada vez mais, da única certeza que temos na vida, a morte. Passamos, então, a dar mais importância ao cotidiano, ao vivido, ao tempo presente. A obra de Michel Maffesoli destaca que uma ambiência emocional (ou seja, as trocas e possibilidades de contato) toma lugar da argumentação. O sentido para apocalipse também é o de um abalo, uma erupção vulcânica, sem previsibilidade.

Neste livro, Michel Maffesoli mantém um estilo ensaístico. E é daí, do ensaio, que nasce a sua força, pois suas ideias vão além de conceitualismos enrijecedores. Para quem se interessa em uma nova interpretação dos fatos sociais (ou melhor, da *socialidade*), Maffesoli é um autor basilar, pois procura encará-los sob uma perspectiva dinâmica, inserida no imaginário – que é sempre coletivo. Diferentemente de uma escola de pensamento historicista, por si só fragmentária e linear, Maffesoli não se contenta com uma interpretação única do cotidiano, mas plural e complexa. O complexo, aqui, se refere a uma palavra-problema, como diria Edgar Morin (1991). E não a uma palavra-solução. A complexidade sem a desordem, que Maffesoli evidencia, não é complexidade. Mesmo não falando de um fato histórico em particular, a visão fenomenológica deste autor sugere, sem a preocupação de explicar, uma leitura sempre lateral dos acontecimentos sociais.

O termo apocalipse, enfim, nos remete a uma ideia de dinamismo societal (reiteramos), para usar um neologismo do próprio Maffesoli, porque, se é como ele insinua, um novo espírito, entremado ao anterior, deverá prevalecer. E esse novo espírito não se isola. Qualquer acontecimento marcante na história da humanidade seria

resultado de uma situação anterior ou posterior (se vista sob uma perspectiva cíclica do tempo) a partir do imaginário<sup>2</sup>. Este imaginário cotidiano, que é a principal contribuição teórica de Maffesoli, pode, se não explicar, tornar compreensível as manifestações sociais que marcaram o planeta, do holocausto ao *apartheid*. É por isso que Maffesoli insiste em falar de uma transfiguração, seja do político, como sugere em um de seus livros, seja de uma postura diante da vida mais tribal e orgânica. Vida, por que não, apocalíptica.

## Referências

- COELHO, T. 1997. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo, Iluminuras, 383 p.
- DURAND, G. 1998. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro, Difel, 128 p.
- GADEA, C.A. 2007. *Paisagens da pós-modernidade: cultura, política e sociabilidade na América Latina*. Itajaí, Univali Editora, 210 p.
- HEIDEGGER, M. 2006. *Que é isto, a filosofia? Identidade e diferença*. Petrópolis/São Paulo, Vozes/Livraria Duas Cidades, 78 p.
- LEGROS, P.; MONNEYRON, F.; RENARD, J.B.; TACUSSEL, P. 2007. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre, Sulina, 287 p.
- MAFFESOLI, M. 2000. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 232 p.
- NIETZSCHE, F. 2005. *A visão dionisíaca do mundo*. São Paulo, Martins Fontes, 93 p.
- MORIN, E. 1991. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, 145 p.

<sup>1</sup> Conforme Coelho (1997, p. 213), imaginário, nos estudos de cultura e de política cultural, "é o conjunto das imagens e relações de imagens produzidas pelo homem a partir, de um lado, de formas tanto quanto possível universais e invariantes – e que derivam de sua inserção física, comportamental, no mundo – e, de outro, de formas geradas em contextos particulares historicamente determináveis. Esses dois eixos não correm paralelos mas convergem para um ponto em comum onde se dá articulação entre um e outro e a mútua determinação de um pelo outro".